

**Nota**

<sup>1</sup> Hans Magnus Enzensberger. *O Curto Verão da Anarquia*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 16.

**o anarquismo hedonista de michel onfray**

sílvia gallo\*

Michel Onfray. *A Política do Rebelde — tratado de resistência e insubmissão*. Rio de Janeiro, Rocco, 2001, 291 pp.

Michel Onfray é professor de filosofia num liceu técnico da cidade medieval de Argentan, na França. Doutorou-se em Filosofia e se especializou em resgatar o hedonismo, uma perspectiva filosófica que desde a antiguidade grega defende que a vida humana deve constituir-se, sobretudo, na busca do prazer.

Como toda uma geração da filosofia francesa contemporânea, Onfray foi e é profundamente influenciado por Nietzsche. A influência do filósofo alemão e do hedonismo antigo é evidente em seus livros publicados no Brasil: *A Escultura de Si* trata da ética hedonista. Parte da máxima grega de que é preciso “fazer de sua vida uma obra de arte”, retomada contemporaneamente por Nietzsche e Foucault, para demarcar a aceitação do caráter trágico da existência humana e a necessidade de superação do niilismo contemporâneo. *O Ventre dos*

\* Doutor em Filosofia da Educação, Professor Assistente-Doutor no Depto. de Filosofia e História da Educação da FE-Unicamp e Professor Titular da Faculdade de Filosofia, História e Letras da Unimep.

*Filósofos — crítica da razão dietética* parte de outra provocação de Nietzsche quando, em *Ecce Homo*, chama a atenção para a questão da alimentação; Onfray traça então uma excêntrica historieta da filosofia, de Diógenes a Sartre, passando por Rousseau, Kant, Fourier, Nietzsche e Marinetti, construindo inferências sobre as relações destes filósofos com os alimentos e aquilo que produziram em termos de pensamento. Em *A Razão Gulosa — filosofia do gosto*, prossegue sua trajetória pela alimentação. Pretende nessa obra resgatar o paladar e o olfato como sentidos estéticos, uma vez que são relegados a segundo plano pela visão, pela audição e pelo tato, quando se trata de arte. Esta “estética do efêmero” é tratada através de comidas exóticas e do vinho. *A Arte de ter Prazer — por um materialismo hedonista*, talvez possa ser visto como a síntese do hedonismo proposto por Onfray. Aqui, ele procura resgatar a história da filosofia como uma história do corpo, muito mais do que uma história da mente, destacando pequenos acontecimentos e incidentes na vida de filósofos, que podem ser decisivos para a constituição de seus pensamentos e sistemas filosóficos.

É bom que se diga: Onfray é um grande literato, tanto que ganhou diversos prêmios na França por sua obra. É um escritor de mãos cheias e, coerente com sua proposta hedonista, a leitura de seus livros é algo que se faz com refinado prazer.

Pois bem. Conhecia essas aventuras hedonistas de Onfray, desde que li, no final dos anos 90, *A Escultura de Si*. Mas, em setembro de 2001, ao ler a dissertação de mestrado de Jorge Goia, do Coletivo Anarquista Brancaleone, fui surpreendido pela citação de alguns parágrafos de Onfray onde ele falava de um anarquismo hedonista. A citação era de uma obra em espanhol, traduzida de *La Politique du Rebelle*, publicada na Fran-

ça em 1997. Pedi ao Goia que me providenciasse uma cópia do texto, mas ele deu-me uma notícia melhor: acabava de ser lançada a edição brasileira: *A Política do Rebelde — tratado de resistência e insubmissão*, pela Editora Rocco.

Li com avidez e com o prazer peculiar que nos proporcionam as obras de Onfray. Se anteriormente ele se havia dedicado a construir uma ética e uma estética hedonistas, aqui se trata de propor uma política hedonista. E a via eleita por Onfray é a do anarquismo, da busca de um anarquismo contemporâneo, que diga respeito a esse mundo em que vivemos no início do século vinte e um.

A abertura da obra é, como sempre, uma citação de Nietzsche, desta vez de *A Gaia Ciência*: “para mim é tão odioso seguir quanto guiar”. Esta frase já dá o tom das páginas seguintes, o de um anarquismo que toma o indivíduo como valor central. Onfray inicia com reminiscências de sua infância e adolescência numa aldeia francesa e com sua primeira experiência de trabalho, numa fábrica de queijo local. Relembra os operários, a submissão, o despotismo do contra-mestre. E relembra aquele que ele considera como o episódio fundador de sua rebeldia: sua revolta com a dominação do contra-mestre e sua recusa em servir, saindo da fábrica para não mais retornar.

A obra está organizada em quatro partes: Do Real; Do Ideal; Dos Meios; Das Forças. Essas, por sua vez, dividem-se em capítulos que abordam os mais diversos temas, compondo seu projeto político hedonista. Não vou reproduzi-los nem mesmo citá-los aqui. Basta destacar que Onfray estuda a gênese do indivíduo, a absoluta desindividualização e desumanização levadas a cabo pelo nazismo e pelos fascismos contemporâneos,

para advogar a necessidade de uma política do indivíduo.

O que mais me impressionou neste livro, e por isso convido-os a lê-lo, é a defesa que Onfray faz da necessidade de um anarquismo contemporâneo. Estejamos ou não de acordo com sua argumentação, penso que é necessário conhecê-la, se não por outras razões, ao menos pela lufada de ar fresco que traz e por tudo que nos faz pensar.

Para Onfray — e eu tendo a concordar com ele — há uma certa caducidade no pensamento anarquista do século dezenove. O mundo mudou, a exploração permanece, mas seus mecanismos são outros; portanto, nossa luta também deve ser a mesma, mas com outras armas, eficazes para atacar a exploração contemporânea. Apenas um exemplo: para Onfray, o anarquismo contemporâneo deve perder a fixação no Estado que tinha o anarquismo novecentista; para além do fascismo de Estado, hoje são inúmeros os microfascismos que nos assolam e é contra eles que devemos lutar. Para além de uma revolução molar, contra o Estado, devemos buscar revoluções moleculares, contra os micropoderes que formam a teia social; revoluções no cotidiano, criando novas opções libertárias, ou para usar uma expressão de Guattari e Negri, “novos espaços de liberdade”.

Assim, Onfray investe no anarquismo como resistência à lógica do capital. Escreveu ele que: “Se a pergunta: como se pode ser anarquista, hoje? pode ser feita, a resposta parece imediata: instalando a ética e a política sobre o perpétuo terreno da resistência. Palavra-mestra, ambição cardinal do libertário. Resistir, a saber, nunca colaborar, nunca ceder, guardar em poder de si tudo que faz a força, a energia e a potência do indivíduo

que diz não a tudo aquilo que visa a diminuição de seu império, senão o puro e simples desaparecimento de sua identidade. Recusar os mil e um laços feitos, ridículos, irrisórios, que acabam por produzir a sujeição dos mais vigorosos gigantes. Que se lembre de Gulliver, imenso e poderoso, mas estrangido e mantido no chão pela quantidade infinita de laços que tornava possível a eficácia” (p. 195). E ainda: “O devir revolucionário dos indivíduos parece então a única via para injetar a resistência e o antifascismo, a rebelião e a insubmissão onde triunfam os modos autoritários. De maneira que a revolução se faça menos molar e monolítica, centralizada e jacobina, que molecular e difusa, plural e resplandecente” (p. 232).

Se a revolução contra os microfascismos é uma coisa que se faz por necessidade, também não deve deixar de ser feita com prazer. Não devemos nos deixar cair no ascetismo da revolução, com seu lema: primeiro o dever, depois o prazer! Devemos lutar com prazer, pelo prazer. Eis a política hedonista proposta por Onfray. Haveria algo mais libertário do que opor a lógica do prazer à lógica do capital? Talvez hoje o prazer seja a arma mais revolucionária contra o ascetismo do capital.

Concluo esse breve convite à leitura de Onfray e para que o tragamos para nossos debates sobre o anarquismo contemporâneo, citando uma vez mais seu apelo pela rebeldia: *nesses tempos sombrios, o espírito e a ação de novos ludistas seriam necessários, e eu subscreveria com muito gosto sua vontade de fogos furiosos...* (p. 262).